

TIPO DE VIDA DE ATRAS

O BRASIL DO TOPO

TUDO E FOTOS DE ANDRÉ DIN, do Terra de Dentro

FOME, CALOR, MOSQUITOS, CHUVA,

DOR, BOLHA, FRIO, MEDO... TUDO ISSO E MAIS

3 014 METROS MONTANHA ACIMA PARA CHEGAR

FELIZ DA VIDA AO CUME DO PICO DA NEBLINA

—————



Um macaço (em primeiro plano) e a floresta primária da região amazônica.

Marcos Fernandes acordava cedo para começar a descida da montanha depois de seis dias malvivendo na mata. A chuva fina que caía desde a noite anterior só fazia aumentar a umidade e o sofrimento do grupo. Os carregadores, exaustos, demonstravam acanhamento em meio a discussões calorosas causadas pelo cansaço mental. A conquista do Pico da Neblina, dois dias antes, não havia sido suficiente para acalmar os nervos esgotados da equipe, preocupada em chegar à Base do Ticozo, onde dois dias antes haviam encontrado a casa. O corpo cansado, exposto à umidade implacável, mal conseguia segurar a pele e o suor da caminhada. Era a hora do fim esperado enquanto os dois, quando os dias de luta, suor e fúria seriam apenas lembranças e o sabor do mundo ganharia força no mundo.

A aventura pelo noroeste da Amazônia, onde a maior

montanha do país ergue-se a 2914 metros de altura, parecia perto do fim. Minutos depois das primeiras chuvas, no entanto, um homem de feições esturruas e traços fortes apareceu repentinamente entre as árvores e em gestos guerrilheiros ordenou que a caravana parasse até o Rio Cauberto. Os "bravos", entre eles Marcelo, lutam cercados por 60 índios armados de arcos, flechas e espadas. Alívio e alívio, sob o olhar hostil daqueles habitantes da floresta, os brasileiros não tiveram reação. As armas, engatilhadas, demonstram qualquer falta de fogo. E, pensando bem, fugir para onde?

Resignado, o grupo segue ao redemoinho dos rios e assim pelas águas traiçoeiras do rio até a aldeia, onde os índios tribais decidiram o futuro de todos. Os indígenas estavam furiosos porque os montanhistas haviam entrado na área sem a autorização expedida pela Associação Yanomami do Rio Cauberto e Afluente (ATYCA). Para conseguir o documento, é preciso convencer os líderes sobre as boas intenções da expedição. Alivi-



O Rio Cauberto, perto da Base do Ticozo, na Amazônia.

A CONQUISTA COMEÇA DE CAMINHÃO. DEPOIS, EMBRENHA-SE NA MATA POR RIOS TRAIÇOEIROS. POR FIM, SÃO QUATRO DIAS DE DURA CAMINHADA

a região, na tripla fronteira entre Brasil, Venezuela e Colômbia, é alvo de grupos clandestinos. No entanto e ainda está cercada à terra dominada pelos guerrilheiros das Forças Armadas Revolucionárias da Colômbia (Farc). Depois de cinco horas debatendo a situação, as liberações indígenas decidiram libertar os invasores. Mas sem machados, equipamento fotográfico e nenhum registro que comprovasse a conquista do Pico da Neblina pelo grupo.

Um ano e meio após esse episódio, desembarca em São Gabriel da Cachoeira, cidade ao margem do Rio Negro cercada por montanhas e pela umidade da maior floresta tropical do mundo, para encontrar Marcelo. Ele será o guia da nova expedição à maior montanha do Brasil, mas deve vir garantido que tomou todas as precauções. Na manhã seguinte, 15 de outubro de 2007, o ranger das montanhas de mudança militar cobido pelo Exército marca o início da "brincadeira". O primeiro trecho, de 80 quilômetros pela rodovia BR-307, margem pequenas comunidades indígenas.

Na caravana, em Manaus, estão quatro viajantes, 200 litros de combustível, mantimentos, machados e uma canoa motorizada de 11 metros de comprimento — única meio de penetração nos rios da floresta do Parque Nacional do Pico da Neblina, o terceiro maior do país, e que forma com o Parque Serra da Neblina, da Venezuela, uma das maiores áreas protegidas do planeta. Após cruzar a Linha do Equador e passar pela estação de Fátima, paramos em Ya-Mirém ("no poço", em tupi), onde dois experientes nativos se juntam à expedição: Zorinho e Filla. A pesquisa vila encontra-se na Reserva Indígena do Balão, região habitada por diferentes etnias de tucanos, detranos, sepamachós, cobrian, tucúas, pira-tapotas, betivas, bavi e raiacas.

O caminho nos leva aos barracos de Ya-Mirém, e passamos toda a tarde para a canoa. Muitos curvos e chaves depois, surge Nantat, uma aldeia isolada, onde o cacique Mathew e o pajé Manuel nos recebem com corda-



CHEGAR À REGIÃO SEM AUTORIZAÇÃO DOS INDÍGENAS É PEDIR PARA A AVENTURA NÃO TERMINAR BEM

alidade. Oferecemos um pedaço de carne de porco e uma maloca para passarmos a noite. Em troca, deixamos com eles alguns saquinhos de tabaco entalhado, acendidos sem cerimônia. Somos apresentados a Inlio, o chefe técnico do único morador da aldeia que não tem ascendência indígena direta. Ele também entra no mesmo time, como carregador dos mantimentos necessários para a expedição.

Às 6 da manhã, sob um céu nublado e ameaçador, retomamos as estradas florestais de Amanáia sob a chuva de sempre. Entramos no Va-Grande e dali embarcamos nos igapós traiçoeiros do Rio Cauburiá, o mesmo rio da ambulatório histórica contada no início do texto. A navegação por ali é complicada. A água escassa e turva escumde pelas lutas e troncos arrastados pelas correntezas. "Se quiserem, o rio na memória vem o Cauburiá", diz Inlio, minutos antes de passarmos por Mutaná, local da ciência do desafiado grupo que usava entre saques

dominantes sem a autorização da ABICA. Desta vez, a recepção dos indígenas é das mais civilizadas. Mas o mal chega rapidamente e o céu é preciso se mudar.

É no barco-lasca, pouco depois de uma pequena ancoragem (chegamos a 4 metros) com os mesmos canoístas, entocamos o burro, levantamos acampamento, tomamos banho no igapé e entocamos o corpo nas redes coladas pelos imprescindíveis mosquiteiros. Aos poucos a violência da floresta ganha força e supera o mundo da realidade, que ainda reverbera nos ouvidos. Cansado, corpo e mente ignoram o desconforto e desluzem em sono profundo. Quando os primeiros raios de luz surgem o teto verde da floresta, o canto das araras rompe o silêncio da manhã. A aventura no Amanáia nos traz um sentimento inusitado de pequenez, mais intenso até do que o percebido durante a noite. A natureza se impõe, neutralizando a conquista, tempo, abstração e desejo.





A ALVORADA NA AMAZÔNIA TRAZ UM

SENTIMENTO DE PEQUENEZ,



MAIOR ATÉ DO QUE O PERCEBIDO

DURANTE A NOITE





PERTO DA CONQUISTA DO CUME,

UMA TEMPESTADE DESABA SOBRE NÓS. O PICO,
FATO RARO, APARECE ENTRE AS AS NUVENS



O TOPO EM TRÊS ETAPAS

A primeira fase da expedição, de São Gabriel de Cachoeira à barragem do Rio Claudio, à foz do rio Uaupés, depois, Norme e depois, embarcam numa canoa motorizada até a Barragem Tucano. Lá então é feita a travessia a pé, passando através do Chão. O calor subscreve dia para dia, à medida que se entra nos domínios de uma Amazônia diferente, progressivamente, mais úmida e quase gelada.

O biscoito fica esquentado. Água é preciso colocar a jul no lama em direção ao ponto culminante do território brasileiro. Logo nos primeiros passos, um bandalho voador de motor se aproxima. Desperta curiosidade. Folia pode utilizar. Ameto, percebe que o mundo na verdade é o mesmo por um exatidão de abelhas pouco acima das nossas cabeças. Sobrevive das feridas dos insetos, seguimos em frente e encontramos com um inesperável cascalho feito de filhas de palmeira, onde duas tanomânis voladoras de criança trabalham na extração de cipó para confecção de artesanato. O próximo obstáculo é a Cachoeira do Tucano, uma cascata de águas transparentes. A chuva começa a impregnar com lentos respingos galgamos ladeiras sombreadas pela floresta primária. Em um chão aberto por antigos galápagos, levantamos acampamento e, com muito interesse, tentamos evitar que a umidade penetre nas botas mas protegidas das mochilas. O dia é um gel no céu conta de acender a fogueira. A lula molhada precisa ser dessecada para o fogo secar a água.

A noite cai entoadu por um agradável bota-papo ao pé da fogueira. Indio conta seu passado no garimpo, os sonhos de fortuna, as doenças e os combates mortos em busca de trapos azules. Folia lembra as muitas incursões que fez na floresta local, quando trabalhava como caçador de Exótica. Foi uma época dura, em que acabou pagando oito malietas por quem o mataram. O sono, mais uma vez, vem

rápido. Excepcionalmente, levantamos acampamento e seguimos pela pisada na mata, que logo nos encharca novamente. O calor beira o inferno. A marcha frígida é interrompida apenas para goles d'água, para alistar os insetos (composteiros insuperáveis da jornada) e para apreciar (com um certo frio na espinha) as pegadas de onça que cruzam e caminham. Por volta das 11h30, chegamos a Delfino Novo. A proposta era esticar o dia até a base da montanha. O cansaço e a matemática, no entanto, fazem mais alto estivemos a 845 metros de altitude e o acampamento, a seis horas de uma viagem cansativa, ficou a quase 2 mil metros. Decidimos pelo descenso e por um mergulho sem pressa em piscinas naturais formadas depois que um vulcão se precipita-se em crateras.

Entre raras e tristes exceções, voltamos à trilha e aos peraltos diários. A dura subida é o único caminho possi-



vel. Ao subirmos nas pedras do felino oviforme, Félix nos aconselha a caminhar em grupo. Quando se copar das árvores dão uma tréguas, avistamos a majestosa face rochosa do Pico da Neblina – um golpe de sorte, já que a montanha faz jus ao nome e sempre aparece envolta em uma densa e misteriosa névoa. Nesse trecho, o terreno começa a se modificar vagarosamente. O caminho coberto por lama e folhas dá lugar a moedas e lixianas, formando um tapete tróico e encorajado pela acção pedregosa. Ao avançar oitavos espaços à vegetação de altitude. Bromélias e orquídeas exibem o visual e mostram uma Amazônia pouco conhecida. Os atoleiros são inevitáveis. Cada movimento precisa ser negociado. Um passo errado pode ser suficiente para lama até a joelho – ou, muito pior, de contornos grossos e suficientes para colocar em risco a jornada. O clima agora é montanhoso e frio. A chuva, no entanto, não para.

Atoleiros nas alturas

Começo previsto, chegamos ao acampamento-base quase sete horas depois. O riacho gelado que enfeiteira a paisagem não encoraja mosquitos e mariposas, mas um bando de gata é perigoso. Acostumamos sob um céu azulado e amarelado – teto ideal para o dia do ataque final. O cume dá as costas. Está decorado por uma rede nevada picada no topo. A repentina visão da montanha e o chão coberto de bromélias animam a marcha. Por outro lado, quando colocamos os pés em aço, os atoleiros se aprofundam e travam o ritmo. Os músculos doem. A pele marcada pelas folhas cortantes explica por que a região é considerada uma das mais insalubres e letais do planeta.

No trecho final, a geografia se transforma abruptamente: o jardim jurássico de bromélias e raios dá lugar a um cenário rochoso, alvearado e firme. Um grande lance de pedras torna indispensável o auxílio de cordões. Um a um, com cuidado, passamos pelas alturas. Delantamos para baixo o desnível de 800 metros com o apoio de cordões poderos e oviformes pela tempo. Cada um segue o seu ritmo em um evidente momento de introspecção. A viagem se intermite e o silêncio aumenta o volume da respiração, cada vez mais ofegante.

Quando a conquista do cume é inevitável, uma tempestade desaba sobre nós. Exaustão e felicidade. A bondade do Brasil, cravada na pedra, grita freneticamente sacudida pelo vento. Cortado pela fúria, erguemos acampamento em menos de dez minutos e nos escondemos nas barracas. A chuva para e a cartilha de nevada se alisa. A paisagem se revela rapidamente e a alegria toma conta do grupo. Um grão rico pelas rochas enquanto as nevadas não sabem se vão ou se ficam. O Pico da Neblina está conquistado.

QUANDO CHEGAR

A partir de Manaus, a única opção de voo para São Gabriel é pelo TNA, com quatro voos semanais, www.tna.com.br e passagem de ida e volta por R\$ 1.100. Outra opção é subir o Rio Negro de barco, numa viagem de quatro dias pelo Tanaka Expedições, pagando R\$ 200 (al + 100). Para regressar ao Parque Nacional do Pico da Neblina é necessário um **guia experiente**, autorização do Ibama, Fuma e de A.V.C.A (Associação Voluntária de Rio Cauburu e Afluente). A vacina de febre amarela não é obrigatória, mas é importante que esteja em dia. Para quem quiser organizar a viagem por conta própria, além do guia é preciso ainda alugar uma **estrela** com motor e levar cerca de 250 litros de combustível.

QUANDO IR

Não existe uma época específica para se fazer a trilha, já que chove o ano inteiro. Vá preparado para se molhar.

QUEM LEVA

• **Maxima Aventura**, www.maximaadventura.com.br, tel. (91) 3634-9171, oferece um pacote de 800 dias que sai por R\$ 2.450 por pessoa (mínimo de dois participantes) no R\$ 2.100 (mínimo de cinco pessoas), inclui alimentação e parte terrestre a partir de São Gabriel da Cachoeira.

O QUE LEVAR

- ALCOOL EM GEL
- ANORÃO (CANAZO CORTE-VENTO)
- BARRACA
- BUISA DE FIBRA (TIPO POLAR)
- BONE
- BOTA DE CAMINHADA (SE AMARRADA)
- CANGOTE DE TRILHA
- CAMISETA DE FIBRA
- CAPA DE CHUVA
- CAPA DE MOCHILA (CONTRA A CHUVA)
- ISOLANTE TÉRMICO
- KIT BÁSICO DE PRIMEIROS SOCORROS
- LANTERNA
- MEIAS PROPRIAS PARA TRILHAGEM
- MOCHILA CAMINHADA
- ÓCULO DE SOL
- PROTETOR SOLAR
- REDE DE MALHA COM MOSQUITEIRO
- REPELENTE
- SACO DE DORMIR (SEM OS TRACOS DE BARRACÃO)
- SACOS ESTANQUE



Imagem: Reprodução de fotos de Ricardo, fotografada por José da Silva e Ricardo Amador



A LANTERNA DE CORREIA PETROL, fabricada pelo Petrolite, tem potência suficiente para ficar quase 60 metros acima e sua bateria dura até horas no nível diário. Além disso, resiste a água da chuva e pode ser mergulhada a até 1 metro de profundidade. R\$ 243. www.petrolite.com.br



Dentro da Amazônia sem mosquiteiro não é bom dormir. O modelo ET 2001, da Etonach, vem com essa indispensável proteção contra insetos e é bastante leve e resistente – para dormir mais de três quilos. R\$ 200. www.etonach.com.br

DICA DO AUTOR

Na trilha, o bom momento para se molhar é quando há chuva. Não se molhe antes da partida, pois isso pode causar problemas de saúde. Além disso, molhar o corpo antes da partida ajuda a manter o corpo aquecido por dentro. Não se molhe antes da partida, pois isso pode causar problemas de saúde.



André Din